

Instituto Socioambiental

fonte: JB (Domingo)

class.: Pisc. 212

data: 20/11/94

pg.: 23-28

VIAGEM



Fotos de Josemar Gonçalves

XINGU

Funai estuda turismo ecológico na região

Tudo ainda está em estudos, alguns sertanistas ainda vão reclamar muito, achar um absurdo, mas o fato é que a Funai e aqueles que dirigem o Parque Nacional do Xingu estão estudando a implantação do turismo ecológico na maior reserva indígena do Brasil, com 26.000 km² de área. A idéia é atrair turistas — brasileiros e estrangeiros — para visitar as tribos do parque (ali vivem 2.778 índios, espalhados por 30 aldeias), o que geraria recursos para os próprios índios. Eles já se mobilizaram e as lideranças avisam que estão consultando as bases — sinal destes tempos de democracia. “Sou a favor. É preciso acabar com essa falsa defesa de que índio é bonzinho. Eles precisam de dinheiro para se sustentar”, diz o indigenista acreano João Antônio Peret, 68 anos, que fala 11 dialetos. Domingo pegou carona num avião da Funai e deu um pulo no Xingu. Uma expedição pelas aldeias que, num futuro próximo, podem vir a estar repletas de câmeras fotográficas, ônibus de excursão e, certamente, japoneses, muitos japoneses.

CELINA CÔRTEZ, do Xingu

É noite e as trovoadas iluminam o rosto pardo e avermelhado pela tintura de urucum de Tacumã, *double* de cacique e pajé dos índios Kamaiurá, um dos povos que habitam o Alto Xingu. Ele está sentado dentro de uma das imensas ocas da tribo, cuja escuridão só é rompida pelos raios lá fora ou o fogo próximo, que assa um peixe tucunaré. Tacumã não sabe sua idade — aparenta algo entre 55 e 60 anos — e se veste apenas com cordas, traje que acentua os músculos de seus braços. Ele fala de “Kamao”, um americano de Nova Iorque, sem nenhum parentesco indígena, que viajou para o Xingu querendo se tornar pajé. Entre longas tragadas em seu cigarro de fumo de rolo, e em português quase perfeito, relembra: “Ele passou um mês na aldeia. Demos um banho de fruta para ele não passar mal com o cigarro de tacupeá (N. da Red.: alucinógeno). Kamao fumou muito e chegou a ficar 20 minutos desacordado. Não havia som no coração e nem no pulso. Mas aos poucos foi voltando tudo. Aí ele dormiu e só acordou à tarde. Perguntei o que tinha sonhado, para saber se a pessoa pode ou não ser pajé. Ele sonhou que tinha sido flechado na barriga, mas conseguiu puxar a flecha e se curar. Estava pronto para virar um pajé”, sentencia Tacumã.

Histórias como essa, que lembram seqüências de filmes, e estão tão distantes da realidade urbana no Brasil, podem ficar mais perto de brasileiros e turistas. Megaron Tuxcarramae, diretor do Parque Nacional do Xingu há 10 anos e representante da Funai na região, está à frente daqueles que defendem a abertura da reserva para o turismo ecológico: “Queremos levar para lá pessoas que ajudem o Xingu. Estamos fazendo estudos sobre esta possibilidade”, confirma. O antropólogo Olímpio Serra, ex-diretor do Parque e respeitadíssimo entre os índios, também defende a criação do roteiro turístico. “Isto geraria receita para as comunidades indígenas”, justifica. Está lançada a idéia.

Antes que os sertanistas enxerguem nisso algum tipo de brecha perigosa, que os aventureiros mal intencionados venham a aproveitar



Se o turismo chegar ao Xingu, as imensas ocas dos Kamaiurá serão uma visita obrigatória

Arte JB

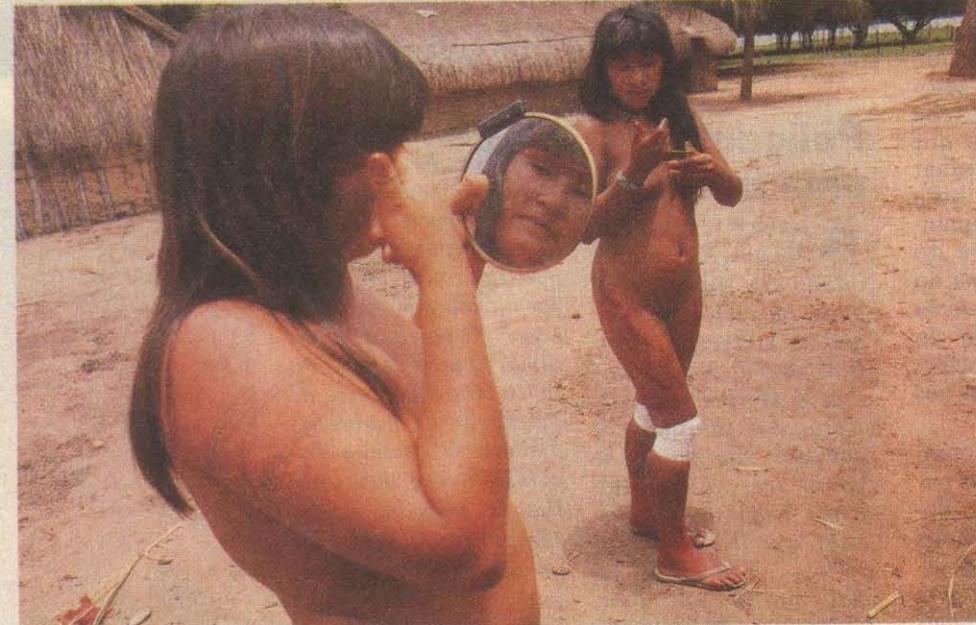
A RESERVA

Parque do Xingu
MATO GROSSO

Área:	26 mil Km ²
Ano de criação:	1961
População:	2.778 índios
Número de aldeias:	30



Beleza indígena: Iracema perde...



Para ter objeto 'de branco', há o 'moitará': troca por artesanato

A rotina dos Kamaiurá

Os 360 índios Kamaiurá acordam cedo, com os primeiros raios de sol, quando uruás (longas flautas de bambu) imitam o canto dos galos. Lentamente eles vão se banhar nas águas da Lagoa Ipavu. Alguns trazem suas escovas de dentes (cáries são um problema grave de saúde, sanado com uma erva, o tapiu, que elimina a dor, mas provoca a queda do dente um mês depois). Como há centenas de anos, a rotina das mulheres prossegue com o preparo do biju — espécie de crepe de farinha de mandioca — em grandes tachos de barro, os iaperrés. Os peixes, se pescados de véspera, vão direto para o asseiro sob os iaperrés, e comidos em forma de sanduíche dentro dos bijus.

Índio, por sinal, não tem hora de comer. A fatura é grande, e eles se alimentam sempre que o estômago pede. As mulheres passam o dia inteiro fazendo biju, ou preparando o mingau de piqui, fruta semelhante à manga e um dos alimentos básicos da aldeia. Da mesma fruta os índios também produzem um óleo misturado ao urucum, que espanta mosquitos, dá um bronzeado especial e um cheiro agridoce pressentido de longe. O convívio com os Kamaiurá é uma aula de desenvolvimento sustentado, conceito tão em voga na Rio-92. Eles caçam e pescam apenas o necessário à sobrevivência; plantam mandioca, piquis e cana-de-açúcar, fundamentais à sua dieta alimentar. Quando não têm o que fazer, deitam nas redes e pitam um cigarro, sem a menor ansiedade. (C.C.)

para tomar terras ou encher a região de rádios do Paraguai, vale ouvir as lideranças indígenas, por enquanto favoráveis ao incremento do turismo no Xingu. "Seria uma coisa controlada, em que os visitantes trariam seus saquinhos para não deixar poluição na área. O índio está precisando de dinheiro para comprar ferramentas, armas e munição para caçar", defende o filho — e futuro sucessor — de Tacumã, Kotoki, um robusto índio de 34 anos, com três esposas e 16 filhos (*ver quadro nesta página*). "Nós agora vamos ouvir todas as lideranças e as bases, para conferir se está todo mundo de acordo", pondera Kotoki, provando que *políticos* da aldeia também conhecem a democracia.

Ninguém defende, é claro, a criação de um complexo turístico, com imensos hotéis cinco estrelas, piscinas, pégulas e drinques de boas-vindas. Nem mesmo a exposição gratuita do exotismo. Fazer do Xingu um roteiro turístico não passa pela descaracterização da região — o que seria um contra-senso —, e sim por iniciativas mais simples, como facilitar o acesso ao Parque, tornando-o seguro e regular. Se os futuros turistas dependessem do avião da Funai, por exemplo, estariam *fritos*. A equipe do **JORNAL DO BRASIL** tinha marcado embarcar de Brasília para o Xingu numa sexta-feira às 8h — numa carona no vôo que levava médicos para vacinar crianças indígenas. Às 10h, soube que o Bandeirantes estava com defeito e precisava de uma peça que viria do Rio. A viagem foi adiada para domingo. Na primeira parada, em São Felix do Araguaia, surpresa: o óleo da aeronave tinha vazado e a viagem teria que esperar mais um dia, até que viesse um mecânico de Brasília sanar o problema. No dia seguinte, hora de partir, nova surpresa: o comandante tinha perdido a chave do avião — achada depois na cama do hotel. Para quem não tem o apoio da Funai, o único jeito de chegar ao Xingu é fretar um avião em Brasília — com preços que se equivalem aos de uma viagem internacional.

Se problemas como esse forem solucionados, a região tem tudo para *decolar* como ponto turístico. Belezas naturais e costumes curiosos não faltam. E ao contrário do desabafo do etnólogo Claude Lévi-Strauss em seu recente livro *Saudades do Brasil* — álbum de fotos em que o



Festas são frequentes no cotidiano do Xingu. Um espetáculo de dança, roupas e adereços

Poligamia, uma tradição

A poligamia impera no Xingu. Em muitos casos os índios têm duas, mas chegam a ter quatro mulheres. Também rola o oposto: índias com dois maridos. Kotoki, o futuro cacique dos Kamaiurá, se casou três vezes, com Kaiti, Kaminha e Autuhum, que lhe deram 16 filhos. "Vou chegar a 100", alardeia, bem disposto. "Mora todo

mundo na mesma casa, mas não briga não." Dizem as más línguas da tribo que as três mulheres expulsaram uma quarta, ameaçando matar o filho que esta teve com Kotoki. Dizem ainda que o insaciável índio tem o costume de paquerar as mulheres alheias. O cacique Tacumã já teve duas mulheres, mas há pouco tempo ficou viúvo de uma delas — passou um ano de luto, quase sem sair de casa. Agora já



Tem índio com duas...



...índias e vice-versa

pensa em voltar a aumentar seu harém.

Uma coisa é certa: índio adora fazer menon menon (*sexo*) diariamente. Mas mesmo com a tradição de poligamia, há quem não ature dividir seu parceiro. A índia Kaokani, 31 anos, da aldeia Neinaco, conta que um dia uma família enviou uma segunda mulher para seu marido. No princípio, ela tentou experimentar o convi-

vio a três. "Chorei muito e parei de comer. Fiquei triste. Meu marido dormia na sala e nós duas no quarto (N. da Red.: eles moram no posto da Funai, que, ao contrário das ocas, têm cômodos). Meu marido também ficou triste, não sabia como lidar com duas ao mesmo tempo. Um dia disse que era ela ou eu. Aí ele devolveu a índia para sua família", revela, com orgulho. (C.C)

inventor do indigenismo registra seu choque ao reencontrar, em 1985, consumida pelo álcool e doenças, a tribo dos Bororós (no Mato Grosso, mas fora da reserva), que ele enaltecia por sua saúde quando lá esteve, em 1935 — os índios do Xingu não estão nesta situação de penúria.

Com as visitas periódicas da Funai e de ONGs internacionais, é inegável que as tribos da reserva passam por um forte processo de aculturação. A maioria dos índios já possui bicicletas e gravadores, tanto que um dos melhores presentes que um visitante pode levar é uma caixa de pilhas, das grandes. Os índios adoram fazer o *moitará*, troca de peças de artesanato por camisetas, bermudas, toalhas, redes etc. Os ouvidos já estão acostumados ao som do *reggae* do UB-40, mas o maior *ibope* das aldeias é o som *discoteque*. Mudanças que, entretanto, não chegam a criar neles gosto pela vida urbana.

"Prefiro morar na aldeia", afirma, sem pensar duas vezes, o índio Tunoli, da tribo Iualapiti, que já viajou pelo Rio, São Paulo, Brasília, Salvador e Goiânia. Os giros de Tunoli o fizeram ter um pezinho no futuro. Conviveu durante dois meses com um italiano e aprendeu a operar uma máquina filmadora. Partiu então para a produção amadora de vídeos, filmando rituais indígenas como a festa Iamaricumã, celebrada pelos vizinhos da aldeia Kamaiurá todo ano, sempre no dia 23 de outubro. A Iamaricumã — festa em que as mulheres da tribo se vestem de homens, com cocares e braçadeiras de penas e lutam a *uca-uca*, um corpo-a-corpo masculino para medir forças — não acontecia há três anos. Voltou a ser celebrada este ano. "Tacumã achou que era hora de voltar a festejar a data da alegria das mulheres", diz Tunoli.

A realização desta festa *feminista* é mais uma prova de que a tradição indígena se mantém viva. É Sapaim, o pajé dos Uialapiti, que conta a lenda que originou o ritual: "Os homens de uma tribo tinham saído para pescar oito dias seguidos. Mas como não havia peixe, eles passaram da data marcada para voltar. E foram ficando, esperando... Aí seus dentes e pelos cresceram e eles ficaram iguais aos *catitus* (N. da Red.: porcos do mato). O rapaz da aldeia que foi procurá-los voltou avisando às mulheres que seus maridos vira-



O dia começa com um banho. Os kamaiurá têm o Lago Ipavu, de águas límpidas e tidas como 'sagradas'

ram bichos. As mulheres começaram então a cantar e a dançar todos os dias, e a pingar gotas de erva *ienemunho* nos olhos para esquecer seus maridos. Depois de uma semana o filho do cacique se propôs a levá-las ao lugar onde estavam seus homens. Quando lá chegaram, elas não os reconheceram, porque eles tinham virado *caititus*. Aí o filho do cacique se transformou em tatu e cavou um enorme buraco, onde as mulheres entraram e foram para muito longe." Segundo Sapaim, as mulheres passaram a vestir saias de couro das onças que matavam e ficaram muito bravas. "Os seios do lado direito diminuíram, de tanto apoiarem o arco e flexa." Assim nasceu a tradição da festa, que o cacique Tacumã garante que se repetirá no ano que vem — quem sabe, presenciada por turistas...

Lança no pescoço. Outra festa para os índios do Xingu é ir até o Posto Leonardo, da Funai, assistir TV no único aparelho da região — presente da equipe que filmou *Quarup*, de Rui Guerra, para o cacique Aritana, que comanda a aldeia Uialapiti. Presente, em termos. Os índios entendiam que a equipe de *Quarup* tinha uma dívida de gratidão com as aldeias, e praticamente a coagiram a deixar no Xingu não só a TV, mas duas caminhonetes, um gerador de luz e quatro barcos a motor. Na TV, o *Jornal Nacional* e esporte são os programas que fazem mais sucesso. Cenas de violência ou um gol — quase todos torcem por times cariocas — provocam suspiros e exclamações.

Quando se fala em coação, não significa que algum índio andou pondo a ponta da lança no pescoço do Rui Guerra. Longe disso. Desde o

trabalho diplomático dos irmãos Villas Boas, a partir de 1961, a violência nas tribos — e entre elas — tornou-se passado e hoje impera o clima de solidariedade. O que não afasta os ressentimentos, basicamente contra os brancos, que, dizem os índios, têm o hábito de prometer mundos e fundos, mas também o costume de não cumprir. Num raro momento em que seu olhar pacífico assume um quê de agressividade, o cacique Tacumã recorda a visita que um alemão fez aos Kamaiurá há mais de 20 anos. Também prometeu muito e nada cumpriu. Numa segunda visita, o alemão foi convidado a visitar a roça, onde os índios plantam cana e mandioca. Chegando lá, o amarraram a um tronco e Tacumã avisou: "Nós vai *capá* você". E assim foi. Histórias que não devem constar nos futuros folhetos turísticos. ■